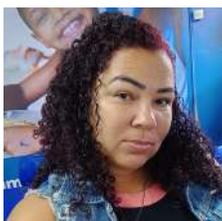


O uso das imagens do livro *Amoras* como potencialidade na construção das identidades dos negros surdos



*Alessandra Dias e Silva*¹



*Sheila Martins dos Santos*²



*Renata Barbosa Dionysio*³

¹Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; alessandrasilva@aluno.ines.gov.br

²Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; smartins@ines.gov.br

³Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; rdionysio@ines.gov.br

Resumo

O presente artigo é o resultado de reflexões sobre o uso de imagens na Educação de Surdos em prol da construção de identidades de estudantes Negros Surdos na Educação Básica. Essa ideia surgiu a partir de discussões sobre a importância de decolonizar espaços, olhar para as diversas identidades e reconhecer as diferenças em espaços interculturais. Assim, caminhamos com pesquisadoras e pesquisadores da área da Educação de Surdos e da educação das relações étnico-raciais com o intuito de trazer sustentação teórica para as nossas discussões. Trazemos como metodologia a pesquisa narrativa, uma vez que o tema está imbricado com nossas vivências e experiências educacionais. Assim, trazemos o livro *Amora do Emicida* e sua potente história para analisar as potencialidades de uso das imagens ali contidas para a educação bilíngue de Surdos por meio de ações pedagógicas antirracistas. Com isso, as imagens foram debatidas a partir de uma visualidade aplicada, elementos semióticos, interatividade e identificação. Em síntese, consideramos as imagens potentes uma vez que podem ser usadas para a construção da consciência racial, discutir o racismo naturalizado em situações cotidianas, trabalhar a diversidade e o respeito. Além disso, acreditamos que elas podem contribuir para a criação de identidades dos estudantes pela identificação e diferenciação de entes culturais, identitários por meio da visualidade.

Palavras-chave: Educação de Surdos. Identidade Surda. Surdos Negros. Literatura Infantil.

Abstract

This article is the result of reflections on the use of images in Deaf Education in favor of the construction of identities of Black Deaf students in Basic Education. This idea arose from discussions about the importance of decolonizing spaces, looking at diverse identities and recognizing diversity in intercultural spaces. Thus, we worked with researchers in the area of Deaf Education and the education of ethnic-racial relations with the aim of bringing theoretical support to our discussions. We use Narrative research as a methodology, since the topic is intertwined with our educational experiences. Thus, we bring the book *Amora do Emicida* and its powerful story to analyze the potential use of the images contained therein for the bilingual education of Deaf people through anti-racist pedagogical actions. With this, the images were discussed based on applied visuality, semiotic elements, interactivity and identification. In summary, we consider images to be powerful as they can be used to build racial awareness, discuss naturalized racism in

everyday situations, work on diversity and respect. Furthermore, we believe that they can contribute to the creation of students' identity through the identification and differentiation of cultural entities, identities through visibility.

Keywords: Deaf Education. Deaf Identity. Deaf Blacks. Children's literature.



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK:

https://www.youtube.com/watch?v=YSI5QBwCCKo&list=PL1Ej31ENzZY5IFqET_4m7w-xwWi-

[Uea-4C&index=5](#)



Olhares a partir da Ancestralidade

A Educação de Surdos, num viés de Estudos Surdos (REIS, 2007) implica numa proposta contra hegemônica que vem a romper com diversas representações sociais que fizeram dos Surdos (DORZIAT, 2009) ao longo dos tempos. A história nos mostra cenários de opressão e violência, onde os Surdos eram julgados pelo seu corpo e o que faltava nele, a audição.

A construção de surdez (LOPES, 2011) foi um mecanismo de controle, em que os ouvintes, que descreditavam da existência da subjetividade Surda, buscavam por meios educacionais transformá-los em prol de identidades que se aproximassem de ouvintes, como oralização, leitura labial, uso primordial da língua portuguesa e negação de sua cultura, identidade e língua.

A surdez foi uma grande invenção. Não estou me referindo aqui à surdez como materialidade inscrita num corpo, mas à surdez como construção de um olhar sobre aquele que não ouve. Para além da materialidade do corpo, construímos culturalmente a surdez dentro de distintas narrativas associadas e produzidas no interior (mas não fechadas em si mesmas) de campos discursivos distintos – clínicos, linguísticos, religiosos, educacionais, jurídicos, filosóficos, etc. (LOPES, 2011, p.7)

Essa representação ignorou as identidades culturais e linguísticas dos Surdos, conduzindo uma desconexão entre oportunidades educativas oferecidas e as necessidades genuinamente necessárias dos estudantes Surdos. Fato que, historicamente causou e ainda vem causando um grande prejuízo no desenvolvimento desses sujeitos, que ao não ser olhados dentro de uma diversidade

são condicionados à educação dentro de espaços que promovem práticas baseadas em visões clínicas e terapêuticas.

Tal transformação deve ser entendida como uma das causas fundamentais na produção do holocausto linguístico, cognitivo e cultural que viveram os surdos. Situação essa que pode ser comparada àquela que também vivem outras comunidades, definidas como subalternas, como, por exemplo, os indígenas, os negros, as mulheres, os loucos, etc. (SKLIAR, 2016, p.16)

No entanto, uma mudança da década de 80 para a década de 90 marcou uma transformação significativa nesse paradigma educacional. Para Reis (2007), os Estudos Surdos tiveram papel crucial na promoção de uma visão mais inclusiva culturalmente sensível na educação. Antes, a surdez era enxergada como uma incapacidade e a identidade surda como uma falha que precisava ser corrigida. A abordagem bilíngue começou a valorizá-las e os Surdos começaram a se apresentar e se representar como sujeitos ativos, detentores de língua, cultura e identidade.

O desejo crescente dos povos Surdos de todo mundo em valorizar suas culturas e identidades desempenhou um papel significativo nesse processo de emancipação. Na visão da pesquisadora Surda Strobel (2018), os Surdos estão cada vez mais interessados em reivindicar a sua condição de protagonistas e ter em sua surdez uma visão positivada ao invés de vê-la como uma limitação.

Isso muito se aproxima dos Negros, que foram trazidos para o Brasil na condição de escravizados e, atualmente, lutam por espaço de representação e se manifestam por meio de suas culturas e identidades. O processo de escravidão e domínio branco tentava de toda forma desvalorizar e aniquilar suas culturas, línguas e qualquer manifestação corporal que se referisse a sua identidade Negra. E, ao longo dos anos, houve resistência, assim como os Surdos fizeram por meio de lutas, inicialmente articuladas de forma clandestina e por fim, por meio de manifestos e alcançaram conquistas no que concerne a sua língua, cultura e identidade.

E assim, as imagens de Surdos e Negros estereotipadas vêm sendo combatidas pelas comunidades e grupos sociais que se debruçam em estudos e movimentos para quebrar essas representações socialmente construídas que desvalorizam e causam malefícios a esses sujeitos. São assim, dentro das Associações, dos Coletivos e dos demais espaços em que as ações são pensadas em prol dos direitos e da liberdade desses grupos, que querem estar nos espaços de representação na sociedade a partir de suas especificidades e travando lutas a partir de seus lugares de fala (RIBEIRO, 2021).

Strobel (2007) aponta em seus estudos que os povos Surdos estão cada

vez mais empenhados em valorizar suas diferenças e mostrar a riqueza de suas condições culturais. Dentro desse cenário, surgem movimentos surdos diversos como dos Negros Surdos que iremos abordar nesse estudo.

E dentro desse cenário, trazemos a literatura infantil afrobrasileira e a cultura visual como ferramentas que podem desempenhar um papel significativo no desenvolvimento da identidade de estudantes Negros Surdos, que ao se identificarem com as histórias, validam suas experiências e reforçam o senso de identidade e pertencimento.

Em geral, o desenvolvimento da Educação de surdos e a ênfase na valorização da diversidade cultural racial são reflexos da mudança contínua em direção a uma abordagem mais inclusiva e culturalmente sensível para satisfazer às necessidades de todos os estudantes Surdos incluindo os Negros Surdos.

No cenário educacional, temos desde 2003, a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) que promove práticas pedagógicas baseadas na valorização da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de Educação Básica. Mas o que percebemos no cotidiano, são ações pontuais em projetos que tratam do tema de forma isolada e assim não contribuindo dentro de contextos mais alargados e que permitem a realizações de mais pontos de conexões por parte dos envolvidos.

Dessa forma, nossa proposta é alicerçada em uma filosofia bilíngue de ensino (QUADROS, 1997; SKLIAR, 2016), trabalhada por meio da visualidade aplicada (LEBEDEFF, 2017), imagens de livros de literatura infantil em prol da construção de identidades de pessoas Negras Surdas.

Para isso, discutimos o valor do uso de imagens de forma intencional nas propostas didáticas construídas pelos professores e também como suporte da construção linguística dentro de uma visão bilíngue de ensino para Surdos, onde a Língua Brasileira de Sinais – Libras – vem como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, como segunda língua na versão escrita, L2.

As imagens são posicionadas como elemento central no ensino e as leituras são feitas de forma intencional para evidenciar os entes imagéticos que contribuem e trazem elementos para contribuir com a construção de identidade dos estudantes Negros Surdos.

Aquilombamento Metodológico

Ao tratar o tema dentro do cenário Surdo e com o objetivo especificamente de questões de estudantes Negros Surdos, decidimos pela pesquisa narrativa por ver em sua estrutura teórico-metodológica elementos que atendem à demanda em questão.

Assim, a pesquisa Narrativa se circunscreve como metodologia que, segundo Alves (2008) evidencia o cotidiano da escola, trazendo na voz dos su-

jeitos que ali constroem, circulam, pensam, vivem e realizam seus afazeres profissionais e acadêmicos, temas para serem olhados como objetos de estudo.

Assim, os saberes-práticos vêm sendo trazidos e discutidos frente aos referenciais teóricos das áreas afins em construindo tessituras de novos saberes a partir da produção de sentido. Assim, situações complexas do cotidiano da escola servem de campo de estudo, são trazidas para debates por aqueles que participam e vivem.

Admitir que os fatos a serem analisados e as questões a serem respondidas são complexos, neste mundo simples que é o cotidiano, vai colocar a necessidade de inverter todo o processo aprendido; ao invés de dividir, para analisar, será preciso multiplicar – as teorias, os conceitos, os fatos, as fontes, os métodos, etc. Mais que isso, será necessário entre eles estabelecer redes múltiplas e também complexas relações. (ALVES, 2008, p.26)

Estamos inseridas na Comunidade Surda e especificamente no contexto de educação de Surdos, sendo assim, trazemos vivências e experiências do nosso cotidiano que são atravessadas por narrativas de uma rotina em que as práticas docentes são permeadas de elementos que nos permitem pensar em propostas de educação de Surdos mais implicadas com questões vivas do cotidiano escolar desses sujeitos e que visam atender às especificidades desse público.

Fazer pesquisa em Educação é “encontrar o ‘outro’ ” na dinâmica dessas “pontes”. É, sabendo que a linguagem é incompletude, investir em uma escuta atenta das narrativas das experiências dos nossos interlocutores e interlocutoras, posicionando-nos dialogicamente nessa relação. Trata-se de uma perspectiva dialógica que contribui para a compreensão do cotidiano, não naquilo que ele carrega de repetição e reprodução, mas principalmente naquilo que está presente como criação anônima [...] (PASSOS, 2014, p.228, grifos da autora)

Assim, as narrativas são carregas de informações em contextos específicos que são extraídas por atores que vivem e convivem no cotidiano da escola de forma ativa, participativa e integrada, o que faz com que seus discursos sejam ricos em elementos potentes para reflexões sobre o fazer educacional.

Nesse sentido, Sampaio e Ribeiro (2014) apontam que as vivências da escola são plurais e permitem inúmeros olhares que, aos olhos de educadores, transformam-se em potentes narrativas que permitem atravessamentos e possibilitam impactos naqueles que as acessam.

Se o que pesquisamos é a relação, é o próprio cotidiano vivido, temos sujeitos que, no coletivo, vivem, padecem a experiência e, ao experienciá-la, pensam sobre ela, sobre o outro e sobre si. Questionam a ordem natural das coisas, perscrutam as minimezas, estranham o óbvio. Buscam brechas, (com)partilham a potência, a inventividade, as criações, as subversões [...]

Assim, trata-se também de um processo de autoformação. De acordo com estudos de Ferreira (2015), o movimento e a narrativa autobiográficos, ou seja, a respeito de ações e feitos pessoais possibilitarem olhares para si e reflexões profundas sobre o modo de existir e atuar e assim criarem significados para aquilo que foi feito na urgência do cotidiano.

Diante do exposto, buscamos na pesquisa narrativa o aquilombamento, não com intuito de criar bolhas de isolamento, mas para nos olharmos como comunidade que faz a escola, que participa de ações cotidianas no espaço escolar e sobretudo narra e reflete sobre o que vive.

Plantio e cultivo das Amoras

O plantio é um movimento lento, que requer planejamento, paciência e habilidades. Não se trata de um processo individual, mas coletivo e sobretudo em que é necessário olhar o contexto natural e todos os elementos disponíveis: água, sol, terra. Elementos potentes em suas naturezas ontológicas, mas que precisam estar em equilíbrio, na proporção certa para que a semente possa encontrar o conforto de brotar.

Assim é a educação. Ela precisa de meios, caminhos e formas de acesso que possibilitem a latência da vida vir à tona. Não se trata de um processo tranquilo, harmônico e linear. Mas de escolhas, de envolvimento, como Bispo (2023) nos apresenta. Faz-se necessário envolver-se como pessoas, contextos. Já percebemos que se o objetivo foi o desenvolvimento, não estamos a olhar o outro e suas potências e sim o resultado final naquilo que a gente espera que o outro alcance para nos satisfazer. Satisfazer aquilo que acreditamos ser certo, bom e assim estamos reforçando práticas colonialistas.

Pinheiro (2023) nos aponta horizontes dessa ruptura epistemológica, ao discutir como ser uma educadora antirracista. Não se trata de um processo natural, é necessário mexer em conceitos e modos de olhar que por muitas vezes podem fazer parte da nossa estrutura, pois ao longo de nossa vida estiveram naturalizados em práticas cotidianas. Nessa lógica, a pesquisadora ressalta que

“Algo que muitas/os profissionais julgam impossível. Mas não é. Trata-se de uma escolha política e pedagógica. De ter certeza do caminho que se deseja seguir para

ajudar a construir uma sociedade mais democrática, mais equânime, mais justa e menos violenta.” (p.12).

E assim, nasceu a ideia de trabalhar a literatura negra para promover reconhecimento, encontros, pertencimento e sobretudo a construção de identidades em estudantes Negros Surdos. Abraçar o mundo multicultural significa investir em mudanças estruturais, necessárias para romper uma lógica ouvinte, branca que os estudantes encontram representada constantemente em seus cotidianos.

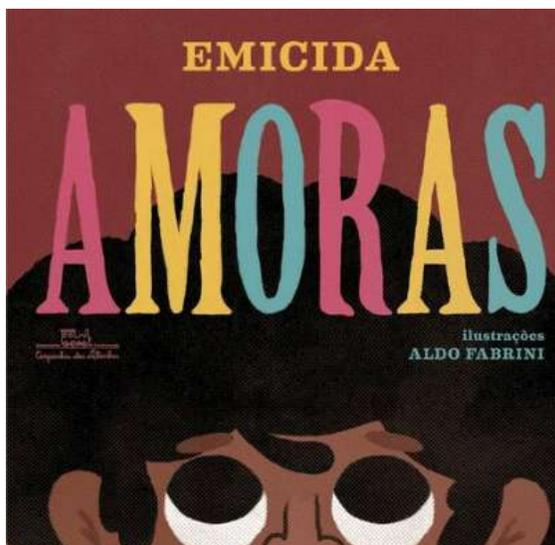
Apesar do multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa refletir num processo pedagógico [...] (Hooks, 2017, p.51)

Assim, o processo de contribuição docente para que identidades sejam construídas num espaço plural se ancora em estudos de Hall (2020), em que busca o deslocamento das estruturas para que novos centros de ação estejam presentes e possam ampliar espaços de existência e construção de identidade.

Nesse processo de construção identitária, a literatura negra, assim como as escrituras (EVARISTO, 2008), se mostrou uma poderosa aliada. Por meio de palavras escritas, histórias contadas e imagens retratadas, os livros têm o potencial de envolver e influenciar profundamente os leitores, especialmente aqueles que enfrentam barreiras linguísticas e sociais, como os Negros Surdos. Considerando ser esse modo de escrever uma maneira de propor uma rasura nesse elemento do imaginário simbólico. Propondo, no lugar dessa narrativa, uma outra perspectivação, pois é a partir desse narrar a si e sentir o que pulsa em nós com atenção que podemos fazer ecoar nossas histórias, reverberando outras possibilidades de existência.

É nessa proposta que trazemos a obra “Amora”, do rapper Emicida (Figura 01) para discutir as potencialidades das imagens para a Educação de Surdos. Esse material literário é composto por diversos recursos visuais que podem proporcionar experiências de leitura inclusiva e acessível para Surdos.

Figura 1 - Capa do livro “Amora”.



Fonte: Emicida(2018)

A capa já nos mostra visualmente que se trata de uma criança negra e isso já cria uma experiência visual (VILHALVA, 2021) que envolve, para além das questões linguísticas, todo tipo de significações com todo o corpo. Sendo assim, esta imagem nos convida a experimentar ética e esteticamente essa relação de alteridade com este corpo negro que se apresenta diante de nós.

Essa capa pode ser explorada de diversas formas, como por exemplo, trazer a fruta amora, buscar saber se os alunos conhecem, fazer o sinal, mostrar a palavra e aguçar a curiosidade deles sobre a relação entre a fruta amora e a criança trazida na capa.

Posteriormente a história pode ser contada por meio das suas imagens (Figura 02). O uso da Libras para contar a história, com base nas imagens do livro, além de trabalhar a primeira língua dos alunos permite aumentar o repertório linguístico tanto em língua de sinais quanto em língua portuguesa, uma vez que as imagens trazem texto escrito.

Figura 2 - Página do Livro Amora



Fonte: Emicida(2018)

Além disso, traz a também a diversidade religiosa (Figura 03) e a oportunidade de representatividade em outra lógica que não seja a hegemônica cristã. Como nos apresenta Rufino (2019) através de seus escritos que buscam decolonizar práticas enraizadas numa sociedade que insiste em modelos, religiosos, sociais e econômicos que ceifam as existências presentes na diversidade.

Figura 3 - Página do Livro Amora que traz questões religiosas



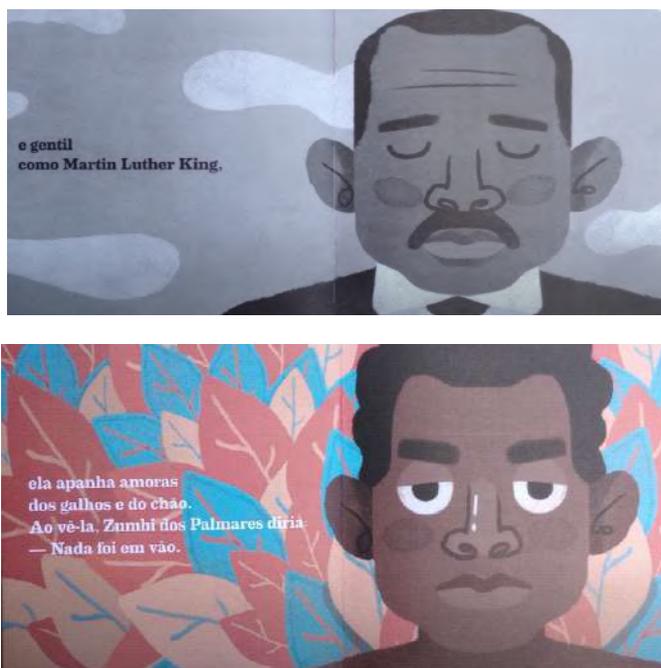
Fonte: Emicida(2018)

E assim ele defende a Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019) como a oportunidade de escolhas de caminhos. Caminhos que condizem com a liberdade, autonomia e visam a um princípio emancipatório de sujeitos que foram e são colonizados por práticas educacionais e sociais hegemônicas numa

lógica branca, europeia e cristã.

Evocamos nas encruzadas a prática de desaprendizagem (RUFINO, 2019) a qual não perpassa pela negação de determinadas presenças e saberes, mas pelo destronamento de um saber único, dando lugar para o diálogo com outros saberes. Esse modo de fazer aposta nas sabedorias operadas em viés, nas gingas, rolês, pontos atados, ebós, encantamentos. Uma pedagogia que envereda pela reivindicação dos entrecruzamentos de saberes ancestrais que coexistem e encantam o mundo. Saberes ensurdecidos e denegridos (RIBEIRO; JANUARIO, 2019) e plurais nesse movimento de sentir-viver nossas escrevivências inscritas em nossos corpos como vida! Sendo a vida.

Figura 4 - Páginas do Livro Amora que mostram referências negras



Fonte: Emicida(2018)

O livro traz em seu enredo sujeitos Negros que são referências sociais pelos seus feitos. Na figura 04, mostra Martin Luther King e Zumbi dos Palmares. Um é uma referência Negra conhecida mundialmente e o Zumbi, no Brasil, tem importância pelas lutas locais que trouxeram conquistas de direitos e liberdade para o povo Negro.

Figura 5 - Imagem onde pode ser trabalhado o protagonismo do Negro e suas qualidades



Fonte: Emicida (2018)

A figura 05 traz representada visualmente a felicidade da menina, quando soube que as melhores amoras, as mais doces eram as mais pretinhas. Ela se identificou, ela viu que ser pretinha pode ser bom. Isso pode ser trabalhado em contexto escolar de múltiplas formas.

São muitas imagens com suas potencialidades semióticas de uso. As ilustrações são ricas em cores e formatos que permitem leituras dependendo da intencionalidade de trabalho docente, segmento de ensino e outros fatores que devem ser levados em conta ao criar propostas de ensino.

Colheita das primeiras Amoras

Por meio de ilustrações, fotografias e outros elementos visuais, o livro complementa a narrativa em Língua Portuguesa escrita e permite que leitores Negros Surdos visualizem e se identifiquem por meio de elementos visuais, verbais e raciais. Existe a possibilidade de vivências emocionais, ancestrais, sociais e identitárias através dos cenários e ações dos personagens. Essa abordagem facilita a identificação e o envolvimento com a história, promovendo uma conexão mais profunda com o personagem principal e suas experiências.

Portanto, a obra “Amora” e outras obras de literatura infantil com recursos visuais semelhantes têm potencial para se tornarem poderosas aliadas na promoção da identidade Negra Surda na educação. Eles fornecem um modo em que as imagens e palavras se entrecruzam para fazerem ecoar narrativas inclusivas e ancestrais e culturalmente ricas que é essencial para o gesto de fazer transbordar identidades culturais e linguística dos Negros Surdos no contexto educacional.

Referências

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (Org.). Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2008.
- BISPO, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Disponível em:< https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm . Acesso em: 20.out.2023.
- EMÍCIDA. Amoras. São Paulo: Companhia das Letras, 2018
- EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.
- FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Historiando a mim mesmo: mo(vi)mentos de uma pesquisa autobiográfica e narrativa. Revista Digital do LAV. v.8, n.4, jan./abr., 2015.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. O povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e a surdez. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (Org.) Letramento visual e surdez. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.
- PASSOS, Maila Carla Pinto. Encontros cotidianos e a pesquisa em educação: relações raciais, experiências dialógica e processos de identificação. Educar em Revista. N.51, jan./mar., 2014.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- QUADROS, Ronice de Muller. Educação de Surdos: A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- REIS, Flaviane. Professores Surdos: Identificação ou Modelo? In: QUADROS, R.M.; PERLIN, G. (Org.) Estudos Surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.
- RIBEIRO, Tiago; JANOARIO, Ricardo. Por que ensurdecer a educação de surdos? Revista Communitas, v. 3, p. 137- 156, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago. Pesquisas com os cotidianos e formação docente: artes de fazer com. In: GARCIA, Alexandre; OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Org.). *Aventuras de conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação*. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: Faperj, 2014.

SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2016.

STROBEL, Karin. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, R.M.; PERLIN, G. (Org.) *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

VILHALVA, Shirley. *Identidade-Idioma Visual*. *Revista de Educación*, n. 24, p. 387-401, 2021.